

DIAGNÓSTICO PRECOCE E INTERVENÇÃO EM TRANSTORNOS DO ESPECTRO AUTISTA

AUTOR

Maria Clara SOUSA ARAUJO
Maria Luiza ABRAHÃO HOMSI
Marielly Caroline PETROCILO

Discentes do Curso de Medicina- UNILAGO

Silvia MESSIAS BUENO
Docente do Curso de Medicina- UNILAGO

RESUMO

O artigo, em forma de revisão sistemática da literatura, aborda a crítica importância do diagnóstico precoce e intervenção efetiva no tratamento de Transtornos do Espectro Autista (TEA). Inicialmente, explora-se a complexidade do TEA, destacando a diversidade de seus sintomas. Em seguida, enfatiza-se a necessidade de identificação precoce, ressaltando os benefícios para o desenvolvimento da criança. O texto também discute ferramentas e métodos de diagnóstico, salientando a importância da avaliação interdisciplinar. Quanto às intervenções, são apresentadas abordagens baseadas em evidências, como Análise do Comportamento Aplicado e Terapia de Comportamento Social, sublinhando a personalização dessas estratégias conforme as necessidades individuais. Destaca-se, ainda, a revisão de estudos que evidenciam os benefícios a longo prazo da intervenção precoce, enquanto são abordados desafios comuns e propostas para superá-los. Em conclusão, reforça-se a necessidade contínua de pesquisa, conscientização e apoio comunitário para aprimorar a qualidade de vida das crianças com TEA e suas famílias.

PALAVRAS - CHAVE

Transtorno do Espectro Autista (TEA); Diagnóstico Precoce; Desenvolvimento Infantil

ABSTRACT

The article, in the form of a systematic literature review, addresses the critical importance of early diagnosis and effective intervention in the treatment of Autism Spectrum Disorders (ASD). Initially, the complexity of ASD is explored, highlighting the diversity of its symptoms. Next, the need for early identification is emphasized, highlighting the benefits for the child's development. The text also discusses diagnostic tools and methods, highlighting the importance of interdisciplinary assessment. As for interventions, evidence-based approaches are presented, such as Applied Behavior Analysis and Social Behavior Therapy, highlighting the personalization of these strategies according to individual needs. Also noteworthy is the review of studies that highlight the long-term benefits of early intervention, while common challenges and proposals to overcome them are addressed. In conclusion, the continued need for research, awareness and community support to improve the quality of life of children with ASD and their families is reinforced.

Keywords: Autism Spectrum Disorder (ASD); Early Diagnosis; Child development

1. INTRODUÇÃO

O Transtorno do Espectro Autista - TEA é considerado um Transtorno do neurodesenvolvimento caracterizado por déficits persistentes na comunicação e interação social em diferentes contextos e por padrões restritos e repetitivos de comportamento, interesses ou atividades com prejuízos no funcionamento adaptativo. Os sinais comportamentais se manifestam nos três primeiros anos de vida (STEYER; LAMOGLIA; BOSA, 2018).

A ascensão do Transtorno do Espectro Autista (TEA) nas últimas décadas tem suscitado um interesse crescente na compreensão de sua complexidade e nas estratégias eficazes para lidar com seus desafios. O autismo, caracterizado por déficits na comunicação social, padrões comportamentais restritos e interesses repetitivos, tem se manifestado como uma condição neurobiológica heterogênea. Com uma prevalência notavelmente crescente, atualmente afetando aproximadamente 1 em 54 crianças nos Estados Unidos, a epidemiologia do autismo evidencia a importância de uma abordagem aprofundada em relação ao diagnóstico precoce e intervenção especializada (POSAR & VISCONTI, 2017; ARAUJO, 2022).

A determinação precisa do diagnóstico de TEA representa um desafio significativo, dada a diversidade de manifestações sintomáticas e a ausência de biomarcadores específicos. Neste contexto, a identificação precoce torna-se crucial, permitindo a implementação de intervenções adequadas que visam melhorar as habilidades sociais, comunicativas e comportamentais das crianças afetadas. No entanto, o diagnóstico preciso é frequentemente dificultado pela variabilidade de sintomas, o que ressalta a necessidade de abordagens diagnósticas abrangentes e interdisciplinares (JOHNSON & MYERS, 2007; ZAPPELLA, 2022).

Os desafios associados ao autismo extrapolam a esfera diagnóstica, permeando diversos aspectos da vida cotidiana das pessoas afetadas e de suas famílias. Estigmatização social, acesso limitado a serviços especializados e a falta de compreensão pública são apenas alguns dos obstáculos enfrentados por indivíduos com TEA. Essas dificuldades ressaltam a importância de explorar estratégias inovadoras e abordagens inclusivas para melhorar a qualidade de vida desses indivíduos e promover uma sociedade mais informada e acolhedora (POSAR & VISCONTI, 2018; TAVEIRA et. al., 2023).

Diante desses desafios, o desenvolvimento e implementação de intervenções adequadas tornam-se áreas cruciais de investigação. Estratégias baseadas em evidências, como a Análise do Comportamento Aplicada

(ABA), Terapia de Comunicação Social (TCS) e outras abordagens personalizadas, desempenham um papel vital na promoção do desenvolvimento positivo e na melhoria da funcionalidade para indivíduos com TEA (MONTENEGRO et. al., 2023; MONTENEGRO et. al., 2024).

Em síntese, a complexidade do autismo exige uma abordagem holística, desde o diagnóstico precoce até intervenções especializadas, visando promover a inclusão e maximizar o potencial de cada indivíduo. Assim, o objetivo deste trabalho foi abordar esses desafios de maneira compreensiva, avançando em direção a uma sociedade mais informada, sensível e capacitada para lidar com as demandas específicas do TEA. Este estudo examinou criticamente a literatura existente sobre diagnóstico precoce e intervenções, buscando lançar luz sobre práticas eficazes que contribuam para um melhor entendimento e abordagem do TEA.

2. METODOLOGIA

A pesquisa foi conduzida com base em uma formulação precisa da pergunta de pesquisa, indagando sobre as evidências científicas disponíveis sobre TEA. Bases de dados acadêmicas, incluindo PubMed, Google Scholar e Scielo, foram estrategicamente escolhidas para uma busca abrangente. A estratégia de busca incorporou termos relacionados ao diagnóstico precoce, intervenção e TEA, e critérios de inclusão/exclusão foram aplicados para a seleção de estudos pertinentes. Dentre os critérios de inclusão, foi ponderado sobre as informações mais atualizadas do TEA, em contrapartida, os critérios de exclusão foram baseados na desatualização do trabalho científico e métodos não confiáveis. A avaliação crítica da qualidade metodológica dos estudos incluídos foi realizada por meio da leitura integral dos textos e análise das principais discussões das bases de dados analisadas. A extração sistemática de dados abordou informações como métodos de diagnóstico, estratégias de intervenção e principais resultados. A análise e síntese dos dados foram realizadas para identificar padrões e lacunas na literatura, seguindo as diretrizes estabelecidas para relatos de revisões sistemáticas. Essa abordagem metodológica foi adotada para garantir uma revisão abrangente e criteriosa das evidências disponíveis sobre diagnóstico precoce e intervenção em TEA.

3. REVISÃO DA LITERATURA

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) é uma condição neurobiológica complexa caracterizada por uma notável variabilidade em suas manifestações. Compreendido como um espectro, o TEA abrange uma ampla gama de características e intensidades, refletindo a heterogeneidade dessa condição. Os sintomas-chave do TEA são fundamentais para sua identificação e diagnóstico, destacando-se três áreas principais: déficits persistentes na comunicação social, padrões restritos de comportamento e interesses. Na esfera da comunicação social, indivíduos com TEA podem apresentar dificuldades na reciprocidade emocional, na compreensão de nuances sociais e no estabelecimento de relações interpessoais. Os padrões restritos de comportamento e interesses manifestam-se por meio de comportamentos repetitivos, adesão a rotinas rígidas e um foco intenso em áreas específicas de interesse. Esses sintomas, embora variem em intensidade e forma, constituem os pilares para a identificação do TEA, ressaltando a importância de uma abordagem abrangente e individualizada na compreensão e intervenção para indivíduos dentro desse espectro (ARAUJO, 2022; POSAR & VISCONTI, 2018).

O transtorno do espectro do autismo (TEA) é uma condição complexa e geneticamente heterogênea, o que historicamente tornou desafiadora a identificação dos fatores etiológicos em cada paciente e, conseqüentemente, dificultou o aconselhamento genético para famílias em risco. No entanto, recentes avanços no conhecimento dos

aspectos genéticos do autismo, impulsionados pela pesquisa genética e molecular, bem como pelo desenvolvimento de novas ferramentas de diagnóstico molecular, têm transformado significativamente esse cenário. Atualmente, estima-se que, por meio de testes moleculares, é possível identificar uma potencial causa genética subjacente em quase 25% dos casos. Quando combinada com avaliações clínicas, histórico pré-natal e investigação de outros aspectos fisiológicos, uma explicação etiológica para a doença pode ser encontrada em aproximadamente 30 a 40% dos pacientes. Diante do conhecimento crescente sobre a arquitetura genética do TEA, que tem contribuído para um aconselhamento genético mais preciso, e dos benefícios potenciais que uma investigação etiológica pode trazer aos pacientes e familiares, a pesquisa genética molecular tornou-se cada vez mais essencial. O texto destaca a visão atual da arquitetura genética do TEA, apresenta as principais alterações genéticas associadas, destaca os testes moleculares disponíveis e ressalta os aspectos cruciais para o aconselhamento genético nessas famílias (GRIESI-OLIVEIRA & SERTIÉ, 2017).

Os Transtornos do Espectro Autista (TEA) são caracterizados por déficits na comunicação, interação social comprometida e padrões de comportamento restritos e repetitivos. Embora a prevalência seja estimada em 0,6% na população em geral, não há estatísticas nacionais disponíveis. O curso dos TEA é variável, mas há evidências que destacam a intervenção precoce como um fator determinante crucial para o prognóstico. Este estudo tem como objetivo revisar os conceitos relacionados às evidências atuais sobre a relevância da intervenção precoce. A análise das informações coletadas reforça a importância de programas de intervenção precoce para crianças com TEA, destacando também o papel fundamental dos pediatras e outros profissionais de saúde na detecção precoce desses transtornos (ZALAUQUETT et. al., 2015).

Estas características sensoriais não são exclusivas do autismo, sendo também observadas em indivíduos com deficiência intelectual. Dentro do TEA, três padrões sensoriais principais foram identificados: hiporresponsividade, hiper-responsividade e busca sensorial, acrescidos, por alguns autores, de um quarto padrão conhecido como percepção aprimorada. Essas anormalidades sensoriais podem impactar significativamente a vida dos indivíduos afetados e de suas famílias, influenciando seu dia a dia e interações sociais. O comprometimento não se limita apenas às modalidades unissensoriais, mas estende-se à integração multissensorial. A compreensão desses padrões sensoriais atípicos torna-se crucial para interpretar comportamentos aparentemente anormais, ressaltando a importância de uma avaliação formal da função sensorial como parte integrante da gestão diária dessas crianças em todos os contextos em que vivem (POSAR & VISCONTI, 2018).

Os testes utilizados para diagnosticar o autismo têm evoluído significativamente ao longo das décadas, apresentando uma variedade de abordagens e métodos. Entre eles, destaca-se a avaliação clínica extensa e precisa, muitas vezes apoiada por instrumentos como o CARS (Childhood Autism Rating Scale), que busca uma compreensão holística da criança e sua interação com a família. Em contraste, o uso de testes semiestruturados, embora tenha sido considerado o "padrão ouro" em determinados momentos, levanta preocupações devido aos riscos associados, incluindo a possibilidade de diagnósticos inadequados. A história desses testes reflete uma transição na compreensão do autismo, passando da visão de uma condição única para a consideração do autismo como um comportamento anormal relacionado a diversas síndromes e transtornos. A evolução dos testes busca, portanto, uma abordagem mais abrangente e precisa, reconhecendo a complexidade do espectro autista e proporcionando diagnósticos mais fundamentados e eficazes (ZAPPELLA, 2022).

O número crescente de crianças diagnosticadas com TEA destaca a necessidade de compreensão e detecção precoce. O diagnóstico seguro do autismo é possível entre os 2 e 3 anos de idade, embora o transtorno não atenda aos critérios de triagem, recomendando-se vigilância durante os anos pré-escolares. A abordagem

diagnóstica baseia-se na anamnese, com foco na história do desenvolvimento, e em uma investigação sistemática dos comportamentos centrais, além de observações em diversos ambientes. Essa abordagem holística visa proporcionar uma compreensão abrangente do quadro clínico, contribuindo para intervenções eficazes e apoio adequado a crianças com autismo e suas famílias (BAIRD, 2003).

Os pediatras desempenham um papel central e crucial no diagnóstico e tratamento dos Transtornos do Espectro do Autismo (TEA), sendo frequentemente o primeiro ponto de contato para os pais em busca de respostas e orientações. Com a prevalência crescente dos TEA e uma maior conscientização pública sobre os sinais precoces, os pais estão cada vez mais propensos a expressar suas preocupações aos pediatras. A relação entre família, médico e paciente desempenha um papel fundamental nesse contexto, pois é por meio dessa colaboração que a identificação precoce e a intervenção eficaz podem ser alcançadas. Os pediatras, segundo o relatório destacado, são instados a reconhecerem de forma proativa os sinais e sintomas dos TEA, implementando estratégias sistemáticas de avaliação. A conscientização dos recursos locais disponíveis para diagnóstico e tratamento, incluindo serviços de desenvolvimento, educacionais e comunitários, é ressaltada como essencial. A oferta de informações abrangentes sobre definição, história, critérios diagnósticos, aspectos neuropatológicos e possíveis etiologias dos TEA é uma ferramenta valiosa para orientar os pediatras. Além disso, a disponibilidade de um algoritmo e um kit de ferramentas complementares fortalece a capacidade dos pediatras de conduzir uma abordagem abrangente e efetiva na identificação, avaliação e tratamento dos TEA em crianças, enfatizando a importância da colaboração contínua entre a equipe médica e as famílias para garantir o melhor atendimento possível a essas crianças (JOHNSON & MYERS, 2007).

MONTENEGRO et. al. (2023) apresentou uma intervenção bem-sucedida utilizando Comunicação Alternativa para promover o desenvolvimento de habilidades comunicacionais em um adolescente com Transtorno do Espectro Autista (TEA), que é não-verbal. A pesquisa, abordando uma lacuna existente em estudos focados em adolescentes autistas não verbais no Brasil, adotou um desenho de estudo de caso único e utilizou o protocolo de Avaliação da Comunicação no Transtorno do Espectro do Autismo (ACOTEA). Os resultados indicaram um progresso notável nas habilidades comunicativas e comportamentais, com a comunicação receptiva e o comportamento social mostrando melhorias substanciais ao longo do período de intervenção. Este estudo ressalta a eficácia do uso da Comunicação Alternativa, com um sistema robusto de comunicação, como uma estratégia impactante para promover habilidades comunicacionais em adolescentes não verbais com TEA.

A heterogeneidade das habilidades linguísticas em indivíduos com Transtorno do Espectro Autista (TEA), variando desde a ausência de fala até habilidades verbais mais robustas, porém com déficits persistentes em situações de uso funcional para a comunicação. A aquisição e desenvolvimento da linguagem frequentemente apresentam atrasos, com comprometimentos nos aspectos pragmático, semântico, morfossintático e fonológico. Observa-se uma limitação nas funções sociais da comunicação, com predominância de solicitações e rejeições para atender a necessidades. No TEA, comprometimentos na Atenção Compartilhada, contato visual e intenção comunicativa são descritos, influenciando o desenvolvimento da comunicação. A aquisição da linguagem neurotípica envolve aspectos biológicos e sociopragmáticos, destacando a importância das habilidades sociocognitivas. No contexto brasileiro, há escassez de estudos sobre a eficácia da Comunicação Alternativa Aumentativa (CAA) no desenvolvimento da comunicação em indivíduos com TEA, com a maioria dos métodos de intervenção sendo influenciados por protocolos estrangeiros, o que pode comprometer sua adequação cultural e acessibilidade para os parceiros de comunicação (MONTENEGRO et. al., 2024).

Dez juízes fonoaudiólogos especializados em comunicação alternativa participaram, recebendo o livro de comunicação, descrição dos princípios, habilidades e estratégias do método DHACA, além de um formulário para

avaliação da aparência e conteúdo do método. A validade foi determinada pelo índice de validade de conteúdo. A análise das respostas permitiu calcular o grau de concordância entre os juízes, resultando na elaboração de uma nova versão do instrumento. O Índice de Validade de Conteúdo revelou uma validade excelente, enquanto as sugestões dos juízes abordaram aspectos como o conteúdo do livro, textos de participação do parceiro de comunicação, modelagem, uso de dicas e habilidades comunicativas. A alta concordância observada possibilitou a validação da aparência e do conteúdo do método DHACA, indicando sua recomendação na prática clínica fonoaudiológica (MONTENEGRO et. al., 2024).

Ao longo dos últimos quinze anos desde o advento do DSM-IV e da CID-10, houve avanços significativos e, simultaneamente, debates contínuos no entendimento e diagnóstico do autismo e distúrbios relacionados. Uma das áreas de destaque é a busca por abordagens mais eficazes de diagnóstico em indivíduos no espectro do autismo com maior capacidade cognitiva, bem como a identificação precoce em crianças muito pequenas. A questão dos subtipos de autismo e a contribuição potencial da pesquisa genética têm gerado discussões intensas. A utilização de avaliações dimensionais, juntamente com insights de estudos prospectivos, representa uma evolução promissora. No entanto, a necessidade de não apenas explorar fatores causais, mas também compreender os processos de desenvolvimento interrompidos nesses distúrbios, destaca-se como um desafio e uma área crucial para futuras investigações. O futuro do entendimento do autismo deve incluir uma abordagem mais holística, considerando tanto os aspectos genéticos quanto os processos de desenvolvimento, para proporcionar intervenções mais eficazes e compreensivas (VOLKMAR; STATE; KLIN, 2009).

Dos & Pimentel (2023) realizaram um estudo com o propósito de investigar se uma intervenção fundamentada em estratégias da Análise do Comportamento Aplicada (ABA) poderia favorecer a adaptação escolar de crianças com autismo. Três crianças autistas matriculadas em pré-escolas de Pelotas, juntamente com suas respectivas professoras, foram os participantes. Utilizando um delineamento de caso único com bases múltiplas entre os participantes, a pesquisa consistiu em duas fases (A e B). A intervenção ABA foi personalizada conforme as características individuais dos alunos e as atividades da turma. Três variáveis foram analisadas: tempo de participação nas atividades, tempo fora das atividades devido a comportamentos disruptivos e frequência de interação com pares e professores. Os resultados indicaram um aumento estatisticamente significativo na participação e interação de todos os envolvidos, com uma redução notável nos comportamentos disruptivos que anteriormente os afastavam das atividades. O estudo também recomendou investigações futuras mais abrangentes sobre adaptação escolar e o uso de estratégias comportamentais, envolvendo um maior número de participantes e um acompanhamento mais intensivo.

Os desafios associados ao autismo são evidenciados pelo fenômeno do estigma, que persiste em várias culturas e sociedades, marginalizando as pessoas com Transtorno do Espectro Autista (TEA). O estudo realizado entre estudantes de graduação em medicina e enfermagem oferece uma visão reveladora sobre o estigma em relação ao TEA. As diversas formas de estigma, incluindo público, institucional, autoestima e de cortesia, são analisadas, destacando a complexidade das percepções e atitudes em relação aos indivíduos com autismo. A pesquisa revela categorias significativas, como a abordagem à pessoa com transtorno, as vivências do estigma, a segregação enfrentada por pessoas com TEA, os desafios de cuidar dessas pessoas e as questões de classe relacionadas ao transtorno. Estes resultados apontam para a necessidade de uma abordagem mais ampla e inclusiva na educação e conscientização sobre o autismo, visando superar os estigmas e promover uma sociedade mais acolhedora e compreensiva para aqueles que vivem com TEA (TAVEIRA et. al., 2023).

O impacto dos Determinantes Sociais da Saúde (DSS) nas estimativas de prevalência do autismo é um aspecto crucial a ser considerado para compreender o contexto mais amplo dos resultados de saúde. Os DSS,

que abrangem fatores históricos e comunitários relacionados à moradia, situação de emprego e insegurança alimentar, desempenham um papel substancial na moldagem dos resultados de saúde, com cerca de 80% desses resultados influenciados por esses determinantes na população geral dos Estados Unidos. Indivíduos autistas e suas famílias enfrentam desafios socioeconômicos únicos, agravados por estressores crônicos severos, como isolamento social, exclusão e discriminação. Experiências de abuso, trauma e lutas persistentes para acessar cuidados de saúde de qualidade intensificam esses desafios ao longo de suas vidas. A influência dos DSS se estende além da população autista, afetando a qualidade dos cuidados de saúde, dificultando o acesso a serviços e recursos, e contribuindo para uma menor utilização de tratamentos. Consequentemente, os DSS podem ser fatores significativos que contribuem para a subdiagnóstico de indivíduos autistas de minorias raciais, étnicas e de gênero, uma constante observada nos Estados Unidos desde o início do Monitoramento do Autismo e Deficiências do Desenvolvimento (ADDM) em 2000. Reconhecer o impacto dos DSS é essencial para desenvolver estratégias de saúde inclusivas e equitativas para indivíduos com autismo, abordando as disparidades prevalentes no processo de diagnóstico e no acesso a cuidados de qualidade (HOTEZ & SHEA, 2023).

O autismo se faz presente na sociedade brasileira de maneira significativa, refletindo uma realidade complexa que abrange diversos aspectos da vida cotidiana. Com a crescente conscientização sobre os transtornos do espectro autista (TEA), observa-se uma maior identificação e diagnóstico de casos, ampliando a visibilidade do autismo na sociedade. No Brasil, com o aumento de diagnósticos, refletindo a atenção crescente às necessidades de indivíduos com TEA e suas famílias. No entanto, a presença do autismo transcende as estatísticas e se manifesta nas dinâmicas sociais, educacionais e de saúde. A busca por inclusão e acessibilidade torna-se uma pauta relevante, com organizações e movimentos dedicados a promover a compreensão e aceitação das pessoas com autismo. O cenário brasileiro, portanto, evidencia a importância de políticas públicas, suporte educacional especializado e iniciativas comunitárias para fortalecer a inclusão social e melhorar a qualidade de vida daqueles que vivem com TEA. O autismo não apenas desafia a sociedade a ampliar sua compreensão e aceitação, mas também inspira ações concretas para garantir que todas as pessoas, independentemente de suas diferenças, possam participar plenamente da vida em comunidade (MANDAJ; SIMÕES-ZENARI; MOLINI-AVEJONAS, 2023).

A pesquisa realizada por Mandaj; Simões-Zenari; Molini-Avejonas (2023) teve como objetivo caracterizar a população com Transtorno do Espectro Autista (TEA) e a Rede de Atenção Psicossocial de Taboão da Serra-SP. Analisando dados de usuários com TEA, especialmente até os 18 anos, provenientes do Centro de Atenção Psicossocial Infantil de Taboão da Serra, observou-se que, em abril de 2019, a rede de saúde atendia a 237 usuários com TEA, sendo 188 destes no Centro, com predominância do sexo masculino (73,63%) e faixa etária de 3 a 10 anos, com destaque para 5 anos (17,27%). O tempo médio de atendimento foi de 32 meses, com a menor idade encontrada sendo de 2 anos. Metade da amostra concentrava-se em atendimento semanal, frequentando abordagem medicamentosa homeopática. Destaca-se que, apesar do Centro de Atenção Psicossocial Infantil ser a referência, não atende a todas as necessidades dos indivíduos com TEA. Sugeriu-se a utilização de uma rede de serviços articulada conforme a demanda individual do paciente e a realidade do território para assegurar direitos, reduzir gastos públicos e proporcionar ocupação dos usuários em diversos locais, não limitando-se a um único lugar.

Os esforços para integrar os Determinantes Sociais da Saúde (DSS) e os esforços de vigilância, tanto para populações autistas quanto não autistas, são dificultados pelos desafios dos prestadores de serviços em coletar esses dados em primeiro lugar. Embora a maioria dos prestadores reconheça a importância da triagem universal de DSS, menos deles consideram que a triagem é viável ou se sentem preparados para lidar com as

necessidades sociais das famílias quando identificadas. A coleta de dados de DSS enfrenta a limitação da falta de evidências sobre a validade psicométrica e pragmática das ferramentas de triagem. Fatores culturais e históricos também contribuem para resultados diferentes, mesmo entre indivíduos que compartilham os mesmos fatores de risco individuais. Além disso, os prestadores enfrentam desafios na oferta de encaminhamentos e recursos comunitários adequados com base nas informações obtidas durante a triagem. A falta de capacidade dos prestadores para triar e encaminhar para DSS é especialmente prejudicial para indivíduos autistas e suas famílias, que já enfrentam necessidades de serviços não atendidas e uma gama complexa e compartimentada de serviços e apoios. Essas lacunas também impedem a geração de novas pesquisas que poderiam apoiar os indivíduos autistas ao longo da vida, criando assim um ciclo contínuo em que as necessidades dessa população não são atendidas (HOTEZ & SHEA, 2023).

4. CONCLUSÃO

Foi evidenciado o papel fundamental dos pediatras no diagnóstico precoce e tratamento do autismo, destacando a importância da conscientização pública e recursos locais. A influência significativa dos Determinantes Sociais de Saúde (SDOH) na prevalência do autismo foi demonstrada, apontando para desafios enfrentados por minorias étnicas e de gênero. Além disso, a discussão sobre a comunicação alternativa, a intervenção precoce e a adaptação escolar demonstrou a diversidade de abordagens necessárias para atender às necessidades individuais dos autistas. No contexto genético, a evolução dos testes moleculares e o papel crucial do aconselhamento genético foram ressaltados, representando avanços significativos na compreensão e manejo do transtorno. Conclui-se que uma abordagem multidisciplinar, inclusiva e baseada em evidências é essencial para promover a qualidade de vida e bem-estar dos indivíduos no espectro do autismo, integrando ações na saúde pública, intervenções clínicas e apoio às famílias.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAUJO, C. A. Autism: an “epidemic” of contemporary times?. **Journal of Analytical Psychology**, v. 67, n. 1, p. 5–20, 2022.

BAIRD, G. Diagnosis of autism. **The BMJ**, v. 327, n. 7413, p. 488–493, 2003.

DOS, J.; PIMENTEL, S. A adaptação de crianças com autismo na pré-escola: estratégias fundamentadas na Análise do Comportamento Aplicada. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, v. 104, p. e5014–e5014, 2023.

GRIESI-OLIVEIRA, K.; SERTIÉ, A. L. Autism spectrum disorders: an updated guide for genetic counseling. **Einstein (São Paulo)**, v. 15, n. 2, p. 233–238, 2017.

HOTEZ, E.; SHEA, L. Prioritizing Social Determinants of Health in Public Health Surveillance for Autism. **Pediatrics**, v. 151, n. 2, 2023.

JOHNSON, C. P.; MYERS, S. M. Identification and Evaluation of Children With Autism Spectrum Disorders. **Pediatrics**, v. 120, n. 5, p. 1183–1215, 2007.

MANDAJ, V.; SIMÕES-ZENARI, M.; MOLINI-AVEJONAS, D. R. O sistema de saúde pública e o lugar do autismo. **Revista CEFAC**, v. 25, n. 2, 2023.

MONTENEGRO, A. C. A. et. al. Desenvolvimento das habilidades comunicacionais em adolescente autista com uso de comunicação alternativa: relato de caso. **Revista CEFAC**, v. 25, n. 3, 2023.

MONTENEGRO, A. C. A. et. al. Método de Desenvolvimento das Habilidades de Comunicação no Autismo – DHACA: validação da aparência e do conteúdo. **CoDAS**, v. 36, n. 3, 2024.

POSAR, A.; VISCONTI, P. Autism in 2016: the need for answers. **Jornal de Pediatria**, v. 93, n. 2, p. 111–119, 2017.

POSAR, A.; VISCONTI, P. Sensory abnormalities in children with autism spectrum disorder. **Jornal de Pediatria**, v. 94, n. 4, p. 342–350, 2018.

STEYER, S. LAMOGLIA, A.; BOSA, C. A. A Importância da Avaliação de Programas de Capacitação para Identificação dos Sinais Precoces do Transtorno do Espectro Autista – TEA. **Trends Psychol.** v. 26, n.3, p. 1395-1410, 2018.

TAVEIRA, N. G. M. M. et. al. Transtornos do espectro autista: visão de discentes dos cursos de medicina e enfermagem de uma universidade pública. **Ciencia & Saude Coletiva**, v. 28, n. 6, p. 1853–1862, 2023.

VOLKMAR, F. R.; STATE, M. W.; KLIN, A. Autism and autism spectrum disorders: diagnostic issues for the coming decade. **Journal of Child Psychology and Psychiatry**, v. 50, n. 1-2, p. 108–115, 2009.

ZALAUQUETT F., D. et. al. Fundamentos de la intervención temprana en niños con trastornos del espectro autista. **Revista chilena de pediatría**, v. 86, n. 2, p. 126–131, 2015.

ZAPPELLA, M. Autism: a diagnostic dilemma. **Zhurnal Nevrologii I Psikiatrii Imeni S S Korsakova**, v. 122, n. 6, p. 71–71, 2022.